

SEXUALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Cristiane Biscoli¹
Neide Rodrigues Lago Favarão¹
Raquel Helena Feiten¹
Andréia Caldas Pires Souza¹
Claudia Lopes Perpétuo²

BISCOLI, C.; FAVARÃO, N.R.L.; FEITEN, R.H.; SOUZA, A.C.P.; PERPÉTUO, C.L. Sexualidade em sala de aula: um estudo da produção de sentidos. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar; Umuarama, 9(1), jan./abr.* p.47-55, 2005

RESUMO: Para obtermos a compreensão da maneira como os professores lidam com as manifestações da sexualidade em sala de aula, buscamos entender que sentidos são produzidos pelos professores que lecionam para alunos adolescentes, a maneira como os professores lidam com suas dificuldades em relação às manifestações de sexualidade dos alunos, por meio da análise de suas falas, a qual coletamos a partir de uma entrevista. Para melhor compreensão do tema, foi realizado um estudo da história da sexualidade, bem como sua evolução, foram também analisadas algumas considerações a respeito da adolescência, a sexualidade na adolescência e o modelo de educação sexual que é aplicado nas escolas atualmente, assim como seus desafios e perspectivas e o papel do professor na orientação da sexualidade. A coleta e a análise dos dados foram feitas qualitativamente, utilizando a perspectiva do construcionismo social, que busca a produção dos sentidos nos discursos. Participaram da pesquisa oito professores, que lecionam em uma escola estadual no mínimo um ano e que trabalham com alunos de quinta a oitava série do Ensino Fundamental. A partir da análise, surgiram temáticas como: sexualidade e suas manifestações, as dificuldades encontradas pelos professores e sua forma de lidar com as manifestações de sexualidade que ocorrem em sala de aula. Observamos alguns sentidos produzidos pelos professores como: dificuldades, contradições e despreparo. O estudo demonstrou que, muitas vezes, os professores encontram-se despreparados para lidar com a sexualidade em sala de aula e não sabem como agir frente a algumas manifestações de sexualidade de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade, produção de sentidos, professor.

MANIFESTATIONS OF THE SEXUALITY IN THE CLASSROOM: A STUDY OF THE SENSES PRODUCED BY THE TEACHERS

BISCOLI, C.; FAVARÃO, N.R.L.; FEITEN, R.H.; SOUZA, A.C.P.; PERPÉTUO, C.L. Manifestations of the sexuality in the classroom: a study of the senses produced by the teachers. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar; Umuarama, 9(1), jan./abr.* p.47-55, 2005

ABSTRACT: For the comprehension of the way how teachers deal with the manifestations of sexuality in the classroom, first we tried to understand which senses are produced by the teachers who work with teenager students, how they deal with their difficulties, through the analysis of their reports from a previously prepared interview. For a better understanding of the issue, a study of the history of the sexuality was carried out, as well as its evolution. It was also analyzed some considerations about the adolescence, sexuality in the adolescence and the model of sexual education which is currently applied in the schools. In the same way, it was analyzed the adolescent challenges and perspectives, and role of the teacher in the orientation of the sexuality. The collection and analysis of data were done qualitatively, making use of the perspective of social constructionism which searches for the production of the senses in the reports. Eight teachers who worked in schools of the State for at least one year with students from the 5th to 8th grade took part in the survey. From the analysis it emerged thematic issues such as the following: sexuality and its manifestations, the difficulties met by the teachers and their way of dealing with the manifestations of sexuality occurring in the classroom. It was observed some senses produced by the teachers such as: difficulties, contradictions and lack of preparation. The study demonstrated that very frequently the teachers are found unprepared to cope with the sexuality in the classroom and do not know what to do before some manifestations of sexuality of their students.

KEY WORDS: sexuality, production of senses, teacher.

Introdução

A orientação da sexualidade nas escolas e, mais ainda, o preparo dos profissionais imbuídos nessa tarefa, principalmente dos professores que estão em maior contato

com os alunos, torna-se essencial, quando se pensa no desenvolvimento integral do ser humano. Nem todas as escolas seguem o modelo de orientação sexual proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) ou, às vezes, não existe qualquer modelo de orientação sexual nas

¹Academica do 5º ano de Psicologia - Unipar - Umuarama - Sede

²Mestre em Psicologia pela PUC do RS, docente Unipar - Umuarama - Sede

escolas, e falta, também, preparo para os profissionais que têm o papel de esclarecer as dúvidas referentes à sexualidade.

Esta pesquisa se fundamenta na perspectiva do construcionismo social, que, segundo SPINK (2000), busca compreender as ações, as práticas sociais e os sistemas de significações pelos quais as pessoas dão sentido ao mundo. Desloca o foco da atenção para o domínio do social e para a compreensão da interanimação dialógica, tornando-se o estudo do ser socialmente construído, produto de discursos históricos e culturalmente contingentes, que trazem em seu bojo uma rede complexa de relações de poder. Exige, dessa forma, um esforço de desconstrução, desfamiliarização, de noções e conceitos que se transformam em crenças arraigadas da nossa cultura e se tornam um entrave para as novas construções e novos sentidos.

De acordo com CAVALCANTI (1990), como não é possível sintetizar tantos séculos em tão pouco tempo, tratando-se da perspectiva histórica da sexualidade, pode-se dar mais ênfase, em alguns momentos da história, a certas condutas do homem, para entender a construção do conceito de sexualidade, bem como as muitas lacunas a respeito de sexualidade que surgem hoje.

Vimos que, nas culturas mais antigas, a reprodução não estava associada ao ato sexual, era vista como algo mágico, um presente dos deuses. Os homens, então, procuravam as mulheres com o intuito de aliviar suas tensões.

Na época dos nômades, por viverem da caça, da colheita de frutos, da pesca, era comum eles se deslocarem de uma região para outra; então um menor número de pessoas era mais conveniente devido às constantes caminhadas, não havendo uma preocupação com a maternidade e a procriação.

Para TANNAHILL (1983), com a observação dos animais no cruzamento, a duração do tempo de gravidez e a relação com o coito, o homem passou a perceber sua importância na reprodução e seu potencial reprodutor. “Se um só carneiro podia emprenhar mais de cinquenta ovelhas. Com um poder comparável, o que não conseguiria o homem fazer?” (p.49). O sexo, portanto, nessa época, estava ainda mais relacionado à procriação do que ao prazer.

Na cultura grega se idealizava a busca do prazer, o qual era obtido com as hetairas, mulheres belas, talentosas, inteligentes que, muitas vezes, apresentavam conhecimento de Literatura Clássica, e também responsáveis em contas de lucros e perdas. As esposas, por sua vez, tinham apenas a função de cuidar da casa e dos filhos, não tendo direito a qualquer prazer, o que VITIELLO (1996) coloca como uma cultura machista, hedonista e, do ponto de vista da mulher, repressora.

Os romanos, conforme descreve VITIELLO (1996), eram mais liberais que os gregos, porém ainda eram repressores e machistas, por permitirem o prazer aos homens e tão somente a algumas privilegiadas mulheres.

De acordo com TANNAHILL (1983), com a decadência do Império Romano, o imperador se alia à Igreja Cristã por uma questão política e religiosa; dessa forma, enquanto os reinos se fragmentavam, a Igreja mantinha-se firme. Durante muito tempo, a moralidade cristã foi difundida e mantida como autoridade religiosa e social, uma moralidade que se baseava em seus testamentos e pensamentos cristãos.

A Igreja tinha o papel de estabelecer as normas; para ela, o corpo não passava de um local, onde se encontravam a mente e o espírito.

Enquanto a Igreja tinha o papel da autoridade moral, tendo o celibato como símbolo, em razão dessa continência sexual, tais clérigos poderiam atrair outros povos do mundo romano e outras religiões do oriente próximo para sua religião. O casamento não era visto como um sacramento, e sim como uma série de concessões à fragilidade humana, uma forma de obter companhia. O sexo não era considerado como parte integrante do casamento, apesar de que apenas as pessoas que eram casadas poderiam ter relações sexuais e somente quando queriam ter um filho, caso contrário era considerado pecado.

A partir da idade moderna, segundo COSTA (2003), o casamento também passou a ganhar privilégio de sacramento; a confissão foi implantada, e, com isso, a sexualidade não se limitava apenas a atitudes; as pessoas eram questionadas também sobre seus sonhos, intenções e desejos. Naquela época, o sexo era também aceito apenas após o matrimônio e com a finalidade de procriação.

Somente a partir do século XX, desvinculou-se sexo de procriação, pois, segundo ROCHA-COUTINHO (1994), nos anos 60, surgiu o movimento feminista, momento em que vieram à tona as pílulas anticoncepcionais, que possibilitaram às mulheres a separação da sexualidade da procriação.

Segundo ROCHA-COUTINHO (1994), as mulheres começaram a entrar no mundo do trabalho, de domínio masculino, tornando-se trabalhadoras assalariadas, como coloca LOURO (2001), determinando transformações no seio familiar, gerando certa igualdade entre homens e mulheres, começa assim o questionamento do papel da mulher na sociedade como esposa, educadora e mãe. A distinção entre homem e mulher passa a ser mais política do que biológica, pois essa começa a trabalhar nas indústrias em função da necessidade de ter mão de obra, assim como visando ao auxílio no sustento da família. O movimento feminista fez com que houvesse uma mudança considerável entre homens e mulheres e o papel delas na sociedade. A mulher começou a ter maior independência em relação ao sexo e começou a ter maior abertura no mercado de trabalho.

Assim sendo, a mulher passou a buscar seu equilíbrio por uma posição mais coerente, não conseguiu alcançar todos seus objetivos, no entanto, atualmente tem ciência de qual seja o caminho para alcançá-los.

Em fins do século XX, em relação ao exercício da sexualidade, de acordo com VITIELLO (1996), houve um aumento da consciência em relação à prática do sexo com o surgimento da AIDS e das doenças sexualmente transmissíveis, determinando um crescimento da preocupação em relação à consequência do ato sexual.

Segundo MARTINS (1998), pode-se dizer que, na história da sexualidade, ocorrem duas rupturas: no século XVII, quando ocorreram as grandes proibições, valorização da sexualidade adulta e matrimonial, com a repressão do sexo, elevando-o à condição específica de reprodução; e no século XX, em que houve um afrouxamento dessa repressão e uma certa relevância do sexo nas relações pré-nupciais.

Por causa de a pesquisa estar sendo realizada com professores que lecionam para alunos adolescentes, é

imprescindível também refletirmos acerca da adolescência.

De acordo com as idéias de KAHHALE (2001), ainda se pode perceber, em relação à história, que, nas civilizações mais antigas, não consideravam uma passagem de criança para a vida adulta, já na sociedade ocidental é criada uma etapa na qual o indivíduo passa de criança para idade adulta, que é chamada de adolescência, momento que, segundo PINTO (1999), é nessa fase que começa a maturação cognitiva, emocional e sexual.

A concepção que se tem de adolescência pela Psicologia, de acordo com AGUIAR (2001), é dada ainda de acordo com o modelo da Psicologia Tradicional, a qual considera a adolescência como uma fase natural e universal.

De acordo com as idéias de ABERASTURY (1992), a adolescência configura-se pela perda das características infantis para entrar no mundo adulto, constitui-se uma fase transitória da infância para a fase adulta, as mudanças corporais, como o surgimento da menstruação na menina e do sêmen no menino, o que lhes exige o testemunho de uma determinação sexual e de um papel que passarão a assumir; há, também, elaboração de lutos característicos dessa fase como luto pelo corpo infantil, a separação dos pais, que são características de uma fase evolutiva que a autora denominou “Síndrome da adolescência normal”.

Parafraseando AGUIAR (2001), essa concepção tem sido responsável pelo ocultamento de outros fenômenos que também acompanham esse adolescente, aceitando a realidade social da maneira que se apresenta, sem ser passível de mudanças. A adolescência não pode ser considerada como um período natural do desenvolvimento, e sim como um momento construído, significado e interpretado, até mesmo as marcas corporais, que também são significadas socialmente e não são tomadas como naturais.

AGUIAR (2001) expressa a idéia de que o que pode ter um sentido em nosso tempo, talvez não o tivesse em outro. Na fala da autora, o jovem não é algo a ser considerado como natural, ele tem modelos que devem ser seguidos para sua construção social; ele é construído historicamente e, para que se alcance a grandeza e plenitude de sua formação, é necessário que seja, também, compreendida a sua origem e evolução.

O adolescente passa por uma dificuldade de estar ocupando um espaço na sociedade atual, de um “sem-lugar”, segundo OLIVEIRA (2001), ele está entre dois lados, um de criança - a brincadeira e a escola - e de outro lado o adulto que trabalha, encontra-se fora de seu espaço de origem, mas não sabe que espaço propriamente dito deverá ocupar. A adolescência seria o testemunho não apenas cultural, mas das subjetividades que se produziram na sociedade atual, da tradicional à moderna.

Seguindo as idéias do mesmo autor, o adolescente, com o corpo já maduro, e depois de já ter aprendido alguns dos valores básicos para se viver em comunidade, encontra-se perdido em meio a uma sociedade em que, com tantas desigualdades e relações distantes, na qual, não há mais ritos de passagem como no modelo da sociedade tradicional. No sistema capitalista em que vivemos, o indivíduo só tem valor a partir do momento em que se torna um “agente econômico”; quando pode produzir e consumir, torna-se difícil para o adolescente encontrar seu lugar. A adolescência será, então,

entendida mais pelo aspecto subjetivo do que como uma fase, um tempo para que ele encontre seu espaço na sociedade.

Portanto é importante para o decorrer do estudo alguma consideração a respeito da co-existência sexualidade e adolescência. De acordo com KAHHALE (2001), a sexualidade vai se moldando a partir do momento em que nascemos, ela vai se constituindo, enquanto é gênero masculino e feminino.

Logo a sexualidade sempre deverá ser pensada e questionada, tendo como referência o campo das relações sociais, cultura e das formas de vida, algo que é vivido no individual, mas é constituído e caracterizado pelos valores e normas do social, fugindo da discussão naturalizante.

Assim, seguindo as idéias de Bock apud KAHHALE (2001), a orientação sexual deve ser trabalhada no sentido de criar um espaço onde o adolescente possa se informar, tendo a percepção do próprio corpo, objetiva e subjetivamente, para tomar consciência de valores, normas, significações que são construídas pelo sujeito. Mas então qual seria o modelo ideal para a orientação sexual?

Segundo os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1997), a orientação sexual que é feita nas escolas deve abordar mensagens que são transmitidas pela família, mídia e sociedade. Cabe à escola oferecer ao adolescente informações além daquelas que ele já possui e esclarecer algumas dúvidas ou distorções que possam existir, fazendo o aluno refletir sobre aquilo que lhe foi exposto, para que assim possa criar uma opinião a respeito dos assuntos abordados. As informações passadas devem ter um embasamento científico, e deve-se criar um ambiente propício para que haja discussões, debates sobre o assunto apresentado e demais assuntos que irão surgindo, para que, assim, o aluno crie uma opinião coerente.

A escola, segundo SILVA (1995), deve dar um suporte referencial, além de fazer uma ação paralela com a família, pois se devem ver quais são as reais necessidades que os alunos têm. Cabe, então, à escola desenvolver um trabalho com a família de maneira consciente e livre, desencadeando um processo de discussão entre pais, alunos e professores, para que, assim, ocorra uma análise das questões relacionadas com a sexualidade.

Segundo CHAGAS (1996), a sexualidade faz parte do contexto escolar, não há como negá-la; então cabe a ela corrigir, enriquecer e ampliar o conhecimento dos educandos acerca de sexualidade e também fazer um trabalho com a família e sociedade, na qual esse educando está inserido.

No seu trabalho de educação sexual, a escola deve abordar diversas opiniões, crenças, valores diferentes, para ajudar o aluno na sua reflexão, considerando aquilo que ele julgar mais importante para construir sua auto-referência. A escola não tem o intuito de substituir o que foi aprendido pelos alunos em sua família, e sim de transmitir informações complementares para eles.

Seguindo as idéias de LOURO (2001), o modelo para a educação sexual seria feito nas escolas pela experiência com a leitura, uso de filmes, poesias, discussões interessantes que aguçam a imaginação e propiciem questões para refletir.

A educação sexual não pode se limitar apenas a passar informações aos educandos, pois, sendo assim, transmitir-se-iam apenas conhecimentos que podem ou não

ser seguidos pelos adolescentes; é preciso educar no sentido de preparar o jovem para a vida.

De acordo com LOURO (2001), por trás de todas essas preocupações em relação à educação sexual nas escolas, ainda há uma preocupação das professoras quanto ao fato de não estarem preparadas para responder às questões dos alunos, temendo que a aula se torne uma luta de saber entre o professor e o aluno.

Parafraseando VITIELLO (1995), o que é necessário fazer, para ter uma boa educação sexual na escola, é preparar professores que estejam interessados em desempenhar essa tarefa e não apenas trazer profissionais de outras áreas de escola.

De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 1999), a formação dos professores é muito importante, tornando-se um tema crucial, pois os desafios colocados para a escola exigem do trabalho educativo outro patamar profissional, muito superior ao hoje existente. Não se podem responsabilizar os professores pela insuficiência das aprendizagens dos alunos, mas de considerar que a formação deles não tem sido suficiente para garantir o desenvolvimento das capacidades imprescindíveis para que as crianças e jovens não só tenham sucesso escolar, mas também capacidade pessoal que permita plena participação social no mundo cada vez mais exigente.

É necessário proporcionar aos professores oportunidades de uma formação continuada, promover seu desenvolvimento profissional e também intervir em suas reais condições de trabalho.

E, quando se refere à sexualidade, os professores devem trabalhar como um tema transversal nas escolas; de acordo com os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1997), a sexualidade deverá estar incluída em toda prática educativa, cada uma das disciplinas tratará da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho, tanto a idéia que se tem a respeito do tema, como os objetivos e conteúdos que se propõem para a orientação sexual deverão ser refletidos pelas diversas áreas do conhecimento.

Assim este estudo teve como objetivo compreender os sentidos produzidos pelos professores para a sexualidade manifestada em sala de aula e quais as atitudes e dificuldades frente a ela.

Materiais e Método

Fizeram parte da pesquisa oito professores, sendo sete do sexo feminino e um do sexo masculino, do Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª série, que lecionam há pelo menos um ano em uma escola estadual escolhida por se localizar próxima à faculdade, facilitando o desenvolvimento da pesquisa, abrangendo alunos de diferentes classes sociais e em grande número.

1. professora Angélica, 49, separada, tem uma filha de 21, leciona, há aproximadamente 30 anos, as disciplinas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa.
2. professor Daniel, 39, solteiro e sem filhos, leciona, há aproximadamente 7 anos, a disciplina de Geografia.
3. professora Marina, 38 anos, casada há 17 anos, tendo dois filhos, um de 15 e o outro de 8 anos, leciona, há 17 anos, a disciplina de História.

4. professora Nádia, 51 anos, casada, tendo duas filhas, uma de 22 e a outra de 25 anos, leciona, há 20 anos, a disciplina de Ciências.

5. professora Paula, 35, casada, tendo um filho de 13 anos, leciona, a 10 anos, a disciplina de Língua Portuguesa.

6. professora Sabrina, 47 anos, casada, tendo dois filhos um de 17 e o outro de 19 anos, leciona, há 11 anos, a disciplina de Língua Portuguesa.

7. professora Sandra, 40 anos, casada, tendo três filhos, um de 13, um de 15 e o outro de 19 anos, leciona, há um ano e seis meses, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Artes e Produção de Texto.

8. professora Vanessa, 37 anos, casada, tendo duas filhas tendo uma de 10 anos e a outra de 15 anos, leciona há, 12 anos, a disciplina de História.

Os participantes foram escolhidos, levando em consideração a disponibilidade para a entrevista e o fato de lecionarem entre quinta e oitava série, visto que o assunto da pesquisa versa sobre sexualidade na adolescência.

O local e o horário das entrevistas foram definidos de acordo com a disponibilidade dos professores, bem como em função de suas aulas vagas.

As entrevistas foram gravadas, com a permissão dos entrevistados, para facilitar o registro fiel das falas dos participantes, e posteriormente transcritas.

Utilizamos como material o termo de consentimento, o roteiro de entrevista e gravador.

Foram entregues termos de consentimento aos participantes. Os nomes dos envolvidos nos casos que foram relatados foram mantidos em sigilo, bem como o nome dos professores entrevistados.

Foram realizadas entrevistas individuais que foram norteadas por um roteiro previamente formulado, sem tempo determinado, num ambiente que garantiu a não-interrupção do trabalho. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos professores e posteriormente transcritas.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um roteiro de entrevista elaborado pelo grupo com base na literatura consultada e nos objetivos da pesquisa. A análise dos dados foi realizada, utilizando a metodologia de pesquisa qualitativa. As questões foram: O que o professor entende por sexualidade, quais as manifestações mais comuns da sexualidade em sala de aula, se o professor percebe alguma dificuldade sua frente às questões de sexualidade em sala de aula, e como ele lida com a sexualidade dos alunos. Essas questões serviram como roteiro com objetivo de buscarmos compreender os sentidos produzidos pelo professor para a sexualidade manifestada em sala de aula e quais as suas atitudes frente a ela.

A partir das entrevistas, emergiu os sentidos produzidos pelos professores em relação à sexualidade dos alunos e suas manifestações em sala de aula.

Na perspectiva construcionista, a produção de sentidos não é considerada produto de uma atividade intra-individual, nem é simplesmente a produção de modelos preestabelecidos, é considerada uma prática social, dialógica, a qual, como diz SPINK (1996), implica, freqüentemente o uso de conceitos expressos em linguagem verbal, gestual - ponto central das práticas discursivas. As práticas discursivas pertencem à ordem de interação, envolvem as diferentes

maneiras que as pessoas, pelo discurso, produzem realidades psicológicas e sociais. Os discursos são entendidos como repertórios sociais, os quais partem de um ponto de vista do sujeito - sua perspectiva, seu horizonte conceitual, suas intenções e sua visão de mundo - voz do sujeito.

Como afirmam SPINK & MEDRADO (2000), o termo sentido refere-se a uma construção social interativa, mediante à qual as pessoas constroem os termos pelos quais passam a compreender e lidar com os fenômenos que as rodeiam. Sendo assim, considera-se o processo de interpretação um processo de produção de sentidos, um confronto entre vozes. Compreender a produção de sentidos, implica remar a linha da história de modo a entender a construção social dos conceitos que utilizamos no cotidiano de dar sentido ao mundo (SPINK, 1996; SPINK & LIMA, 2000).

É importante ressaltar a relação dialógica, nessa perspectiva, mostrando que tanto o pesquisador quanto o sujeito constroem sentidos, não existindo, portanto, dissociação entre o momento do levantamento das informações e o momento de sua interpretação para garantir o rigor da interpretação dos resultados, procura-se explicitá-los por meio de estratégias que tragam visibilidade ao processo. É importante lembrar que o rigor aqui é entendido sempre como a objetividade possível no âmbito da intersubjetividade (SPINK & LIMA, 2000).

Antes de iniciar as entrevistas, alguns pontos foram relacionados para nortear o diálogo com esses professores. Como diz MENEGON (2000), a entrevista é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano, representando assim, uma modalidade privilegiada para o estudo da produção dos sentidos. No roteiro elaborado para a entrevista, esses pontos contemplam dados relacionados ao histórico de cada professora e como a ele lida com as dificuldades que possam vir a surgir frente a sexualidade em sala de aula.

O construcionismo insere a noção de que os critérios e conceitos que utilizamos no cotidiano de nossas vidas para descrever, explicar, escolher entre as opções que se apresentam são construções humanas, produtos de nossa época, que não se desvinculam de nossas convenções, das ordens morais e das estruturas de legitimação (SPINK & FREZZA).

Após o confronto dos sentidos que foram construídos no processo de pesquisa e dos sentidos decorrentes da familiarização teórica com o tema em estudo, emergiram as temáticas de análise. A partir delas, foram construídos mapas de associação de idéias, os quais foram analisados baseando-se na perspectiva do Construcionismo Social o qual busca compreender as ações, as práticas sociais e o sistema de significação por meio dos quais as pessoas dão sentido ao mundo. Exige, dessa forma, um esforço de desconstrução, desfamiliarização, de noções e conceitos que se transformam em crenças arraigadas de nossa cultura e se tornam um entrave para as novas construções e novos sentidos SPINK (2000). Os discursos, então, são entendidos como repertórios sociais, os quais partem de um ponto de vista do sujeito – sua perspectiva, seu horizonte conceitual, suas intenções e sua visão de mundo – a voz do sujeito.

Resultados e Discussão

Sexualidade e suas manifestações

De acordo com VIEIRA (1993), o sexo representa um aspecto da sexualidade, mas essa compreende também relações sexuadas, trocas, produções em que os afetos estão incluídos não se restringindo apenas ao genital, está tanto no íntimo do ser humano quanto no social, que seria o visível e influenciado pelo meio.

O sexo seria uma parte da sexualidade, mas não a representa como um todo, razão essa que muitas vezes os termos sexo e sexualidade causam uma certa confusão como se pode perceber no relato da professora Angélica: “[...] é a relação toda que você tem entre o masculino e o feminino, a união dos dois, a sexualidade, isso aí seria agora sexo, seria só a divisão entre a diferença, entre o masculino e o feminino”.

A sexualidade aparece nas falas muitas vezes ligada ao aspecto da procriação, como se pode perceber na fala do professor Daniel: “Sexualidade para mim seria uma forma de reprodução [...] a união de duas pessoas, [...] também seria a forma de haver a procriação [...]”. E, de acordo com GUARESCHI (1999), a sexualidade envolve mais do que sexo, ao qual corresponderiam questões biológicas e físicas, a sexualidade envolve aspectos psicológicos, afetivos, emocionais, envolve a subjetividade humana.

Os entrevistados relatam muitos dos comportamentos que ocorrem na sala de aula referentes à sexualidade, como se esses fossem característicos de uma fase da adolescência, como menciona a professora Vanessa: “[...] da adolescência até chegar à vida adulta é a transformação lenta do corpo e das idéias, do próprio comportamento desta fase [...]”. Mas, de acordo com OLIVEIRA (2001), a adolescência pode ser compreendida mais por um aspecto psíquico, um tempo para que o sujeito encontre seu espaço na sociedade do que como uma faixa etária, pois cada indivíduo é único e possui suas particularidades não podendo generalizar as características e comportamentos durante esse tempo na vida do indivíduo.

Quando questionados sobre as manifestações de sexualidade em sala de aula, muitos relatam manifestações como: beijos, abraços, troca de olhares e alguns falam de manifestações mais explícitas como fala a professora Nádia: “uma vez vi um menino com a mão dentro do calção se masturbando, fazendo questão de que as meninas olhassem, não estava assim quietinho no canto dele não”.

O ficar também é citado como uma forma de manifestação, sendo, de acordo com GUARESCHI (1999), um tipo de relacionamento que tem como característica o descompromisso, pois, depois que um jovem fica com outro, pode ser que nunca mais se encontrem ou que de tempos em tempos, voltem a se encontrar. Muitas vezes, o sexo faz parte do ficar, e isso faz com que essa prática descompromissada aumente o risco de contaminação de doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada, e é por isso que, muitas vezes, pais e professores se preocupam com essa nova prática.

Dentro dos diversos tipos de manifestações, que poderão ocorrer em sala de aula, também serão vários os fatores que poderão influenciar na expressão dessas manifestações como a Internet, as revistas pornográficas, a

televisão, etc. De acordo com FRANÇA (1991), a televisão oferece aos adolescentes um modelo de namoro e de comportamento sexual, antes mesmo que eles passem pela experiência. Como podemos perceber na fala o professor Daniel: “[...] praticar o sexo porque a televisão está falando, ou porque a televisão está banalizando”.

O homossexualismo também é citado como uma forma de manifestação e, de acordo com OLIVEIRA (1996), a vida de um homossexual hoje, está cheia de sofrimentos maiores do que o de um heterossexual, devido a pressões sociais e ideológicas a que está submetido.

Segundo TIBA (1994), desde o nascimento até chegar à puberdade, o menino sabe que pertence ao sexo masculino, a busca de uma identidade sexual se torna de extrema importância nessa fase, quando começam a surgir as mudanças nas características físicas e principalmente nos genitais. O menino gostaria de se sentir macho, pois quem não é macho é homossexual. Como menciona a professora Marina: “[...] o momento mais difícil é [...] do homossexualismo quando ele ainda não assumiu não percebe qual é o seu, a sua, eu digo, qual seria sua preferência sexual [...]”. Na adolescência podem ocorrer relacionamentos homossexuais, mas como forma de conhecimento do próprio corpo, isso não significa que essas experiências determinem sua identidade sexual.

A sexualidade não deve ser encarada com preconceitos, pois cada um possui uma maneira própria de viver sua sexualidade, e essa é individual, não possui um padrão fixo.

As dificuldades enfrentadas pelos professores e como eles lidam com as manifestações da sexualidade.

Em relação às dificuldades que os professores têm em lidar com as manifestações da sexualidade dos alunos em sala de aula, houve uma certa contradição, pois, em um primeiro momento, eles afirmam não sentir dificuldade e, no decorrer de seu discurso, relatam suas dificuldades em tratar do assunto. Como nos fala a professora Paula: “Não, eu não percebo porque assim eu gosto que eles me questionam [...]”, já em um segundo momento a mesma professora diz que: “[...] eu não acho fácil [...] eu consigo encarar porque eu acho que alguém tem que fazer [...] às vezes, eu fico bem sem graça [...]”.

As dificuldades dos professores são relatadas das mais diversas formas; como relata um dos professores, a dificuldade estaria relacionada ao preconceito. De acordo com CATALÃO (2002), os professores, mesmo sem querer, transmitem para os jovens seus preconceitos, ao mesmo tempo em que se limitam a falar do sexo apenas como função reprodutiva, deixando de lado as outras formas de manifestação da sexualidade como a sensibilidade, a paixão, o amor, o medo e o prazer.

Quando o assunto é a homossexualidade, os professores também relatam suas dificuldades, como fala a professora Marina: “[...] o momento mais difícil é a questão do homossexualismo [...]”. De acordo com PARAÍSO (1999), a homossexualidade não é falada, como se o silêncio fosse uma garantia de manter a norma ou a heterossexualidade; o homossexualismo não está no currículo, os professores não falam, e os alunos não ousam questionar. Por não se falar,

talvez se evite que possam vir a desejar.

Alguns professores comentam, também, a dificuldade em relação à influência da igreja na sexualidade. Segundo MENDONÇA FILHO (1999), para a Igreja Católica, o objetivo do sexo é apenas a reprodução, qualquer outra forma de vivência do sexo é considerada desnecessária e pecaminosa, e isso ainda hoje tem influência na sexualidade dos indivíduos como nos diz a professora Marina: “[...] e ainda vem daquela coisa da Igreja, sexo pra procriação isso vai criando um monte de mito [...]”.

Outra dificuldade relatada em trabalhar com o assunto da sexualidade em sala de aula seria em relação aos alunos que, muitas vezes, utilizam-se de ironia para se referirem à sexualidade. Seguindo as idéias de TIBA (1994), quando se fala de sexo na escola, isso é motivo de tensão tanto para professores como para os alunos. Os professores se protegem da ansiedade, usando de dados científicos, e os alunos, por meio das gozações.

Muitas vezes, os professores reclamam ou falam de uma dificuldade em relação à falta de participação dos pais na educação sexual dos filhos. Como nos coloca SAYÃO (1998), a maioria das famílias brasileiras não conversa com naturalidade a respeito da sexualidade, os adolescentes falam a esse respeito com maior liberdade com seus amigos. Então, os alunos, quando vêm para a escola, trazem um arsenal de dúvidas e posturas de casa.

Os professores de algumas disciplinas se sentem melhor preparados para estar tratando do tema, como nas disciplinas que trabalham o corpo humano, é o caso de Educação Física e da Biologia. Os professores sentem como se pudessem trabalhar o assunto, quando ele surge na sala de aula como nos fala a professora Paula: “[...] é uma pena que hoje eu não dou aula de Ciências [...] porque na aula de Ciências eu explorava mais à medida que eles buscavam”.

Mas, segundo CAVALCANTI (1993), o professor que será procurado não será necessariamente o professor que leciona a disciplina de Biologia, por ser ele quem trabalha o aspecto fisiológico da sexualidade em sala de aula, mas aquele professor com o qual o aluno se identifica, que é uma pessoa significativa para ele, este sim será um bom educador sexual, se estiver preparado.

Cada professor trabalha com a sexualidade de maneira diferenciada. CAVALCANTI (1993) afirma que a postura do professor poderá ocorrer em duas instâncias: uma refere-se ao coletivo, quando ele promove uma discussão, e a outra instância, quando ele é procurado particularmente por um aluno, devido a um problema específico. Como nos fala a professora Vanessa: “[...] eu não converso perto de outra pessoa [...] chamo em particular para conversar”.

Segundo PINTO (1999), a orientação sexual pode ser feita de forma oralizada, com uma troca de idéias, o conhecimento de um grupo de adolescentes com a supervisão de um professor, que tenha um certo domínio da matéria, e uma orientação escrita, pela qual o jovem poderá encontrar novas informações e referenciais que irão abordar assuntos relacionados à sexualidade, importando se a leitura servirá para ampliar o conhecimento do jovem em relação a sexualidade como nos diz a professora Sabrina: “Eu faço trabalho com textos e uso sempre uma técnica através do texto [...]”.

No decorrer dos relatos, podemos perceber como é o sentido produzido pelos professores em relação às manifestações da sexualidade dos alunos em sala de aula, as diversas dificuldades por eles enfrentadas e algumas das formas como eles lidam com essas manifestações, como nos fala a professora Paula: “[...] eu converso com eles, [...] não que eu acho fácil quando sou questionada, [...] eu consigo encarar porque eu acho que alguém tem que fazer [...]”.

A partir das entrevistas, muitos sentidos foram suscitados, como os que vimos anteriormente, nas falas de alguns professores, que demonstraram algumas maneiras como lidam com as manifestações de sexualidade dos alunos e suas dificuldades frente a elas.

As diversas manifestações que aparecem, como beijos, abraços, o ficar, o homossexualismo, são citadas e também as dificuldades enfrentadas por eles; algumas vezes, contradizem-se dizendo não ter dificuldades e, em outro momento, afirmam ter.

Mas, ao mesmo tempo em que os professores falam que apresentam dificuldades em lidar com a sexualidade na sala de aula, relatam, algumas vezes, o interesse deles em saber como esse tema poderia ser trabalhado, que faltam recursos como, por exemplo, cursos que preparem o professor para lidar com o assunto.

Quando são questionados acerca da maneira como lidam com as manifestações, falam mais da maneira como trabalham o tema da sexualidade em sala de aula, em vez de relatar alguma atitude frente a uma situação inusitada.

Os professores reclamam da falta de participação dos pais e, algumas vezes, relatam ter dificuldade na tarefa de orientação sexual devido a algumas influências como a mídia, religião, ou mesmo da sua falta de preparo em lidar com o assunto, de forma a deixar a encargo de outrem o que a escola coloca como seu próprio dever.

A falta de horários e cursos, são citados pelos professores como dificuldade, mas não relatam em nenhum momento uma iniciativa em relação ao seu aprimoramento individual. E, muitas vezes, também, o que colocam como prejudicial poderia estar auxiliando nessa tarefa, como no caso da mídia, mediante de programas educativos, e o incentivo aos próprios pais a participar da educação sexual de seu filho.

Podemos perceber que alguns professores colocam seus valores e preconceitos, quando tratam de assuntos ligados à sexualidade, quando poderiam estar educando de forma dialogada, descontraída, natural, tomando cuidado para não colocar como verdadeira apenas a sua opinião.

Não podemos esquecer que os professores têm limitações e podem se sentir encabulados com algumas situações, mas isso não indica que eles tenham dificuldades com o tema, até porque é natural isso acontecer, principalmente em se tratando de sexualidade, devido a ser esse um assunto permeado de censuras, crenças e restrições, sendo ainda visto como tabu, mas o que não pode ocorrer é os professores ignorarem a questão da sexualidade de seus alunos.

A sexualidade está presente na escola de diversas maneiras e formas, como foi relatado pelos professores entrevistados e não há como ignorar, embora muitas vezes os professores não falem a respeito do assunto por julgarem que estejam incentivando seus alunos a ter relações sexuais,

ou por sua própria dificuldade em lidar com o tema.

Falta um espaço, para que os professores possam trabalhar sua sexualidade, que, a partir de suas próprias reflexões, possam fazer com que os alunos reflitam e compreendam sua própria sexualidade.

O adolescente é o aluno que freqüenta as salas de aulas dos professores entrevistados, podendo ser considerado como um sujeito sem-lugar, pois ainda não conseguiu encontrar seu espaço na sociedade, mas quais seriam as oportunidades que essa sociedade dá, para que esse adolescente possa refletir sobre sua situação e encontrar o seu espaço, e isso inclui também a reflexão da sexualidade?

Um espaço permeado de modismos, consumismo, padrões de normalidade, que o fazem deixar de refletir. Tem-se um modelo pronto a ser seguido, transformando o que antes era um ritual de iniciação; na maioria das vezes, os jovens passavam da infância para a idade adulta com o dever de constituir família, constitui-se hoje um ritual também enraizado, mas no subjetivo do adolescente.

O modelo de orientação sexual passado nas escolas não poderá ser geral, considerando que os alunos não funcionam todos da mesma maneira, são singulares, e que cada um tem sua forma peculiar de lidar com sua sexualidade que também é um tema que precisa estar em constante reflexão.

Um dos pontos a ser repensado é o de que, no espaço escolar, existirão sempre dúvidas e outras manifestações que surgem e exigem um esclarecimento, por isso, é muito importante aguçar a curiosidade do aluno, para que, a partir da sua própria dúvida, a educação sexual possa ser exercida.

A sexualidade está na sala de aula e em todo o espaço escolar, não há como negá-la, resta saber o que fazer com ela, ou melhor, como lidar com as diversas formas pelas quais ela se manifesta. E, além disso, auxiliar, para que o aluno desenvolva uma sexualidade plena e saudável.

A prática dos modelos de orientação sexual demonstram-se deficitários; dados de uma pesquisa realizada pela PROSEX (Projeto de Pesquisa sobre Sexualidade) da Universidade de São Paulo, realizada em 2003, citada por CASTELLÓN (2004), revelam que 95% dos adolescentes de escola pública e privada sabem o que é sexo protegido, 66% não transam e, dos que têm relações sexuais, 44% usam camisinha sempre. A pesquisa mostra que os adolescentes possuem informações, no entanto o número de adolescentes grávidas e outros infectados por doenças sexualmente transmissíveis é alto, talvez uma análise mais aprofundada feita com adolescentes pudesse indicar onde estaria o déficit da educação sexual aplicada nas escolas.

Sendo assim, pode-se pensar que os alunos não possuem uma carência de informação em seu aspecto fisiológico, sabem como utilizar um preservativo, quais as doenças sexualmente transmissíveis, mas, em relação à discussão de sua própria sexualidade, parecem não saber como lidar com as diferentes formas de prazer. É necessário desmistificar a questão sexual, seus preconceitos e mitos, por meio das próprias reflexões, porque, mais do que ter uma receita, esses alunos precisam compreender o sentido da sexualidade em suas vidas, em seu aspecto físico e subjetivo. Esse poderia ser um dos motivos que, embora os jovens tenham as informações, os índices de Doenças Sexualmente

Transmissíveis e gravidez indesejada continuam sendo altos.

Faltam muitos recursos para as escolas em relação à educação integral do aluno, que incluiria a educação sexual, pois ainda não se disponibiliza uma disciplina específica para o tema assim como um profissional capacitado para tal tarefa, o professor que fala de História e Geografia é aquele que, muitas vezes, no intervalo de alguma aula, ou no decorrer dessa, explica o que é masturbação, sexo oral ou aplaca alguma manifestação.

Conclusão

A sexualidade está presente em todos os espaços, em casa, na escola, na rua e é motivo de piadinhas, risos, cochichos, porque ainda é algo que causa certo mistério, tanto para quem a está desvendando, como é o caso dos alunos adolescentes, quanto para quem recebe a incumbência de ensinar e orientar acerca da sexualidade de outrem, como é o caso dos professores, educadores e pais dentre outros.

Percebemos, durante esta pesquisa, que a teoria se revela de forma perfeita, os pontos a ser trabalhados e os discursos a ser declarados, mas, na prática, os modelos que oferecemos parecem não condizer com aquela mesma teoria. Precisamos estar pensando nesse espaço aberto e não-condizente entre teoria e prática, esta perfeita e irretocável, aquela real e ineficiente, precisamos pensar – pesquisar uma ponte entre elas. Felizmente para isso será sempre necessária a pesquisa.

Referências

Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal. 10 ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

Aguiar WMJ, Bock, AMB, Ozella, AS. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: Furtado O. (Org.). Psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez; 2001.

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Secretaria da Educação Fundamental. MEC/SEF. Brasília; 1997.

Brasil. Referenciais para a formação de professores: a educação escolar e a formação de professores no contexto atual. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental – Ministério da Educação; 1999.

Castellón L. Sexo adolescente. Isto é 2004 set; 1821:70-5.

Catalão N. Sexo: mito e tabu. Educação 2002 jul; 63: 31-39.

Cavalcanti, M. Sexualidade humana: uma perspectiva histórica. Revista brasileira de sexualidade humana 1990 jan./jun; 1(1): 43-51.

Cavalcanti R da C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. Revista brasileira de sexualidade humana 1993 jul./dez; 4(2): 164-173.

Chagas ERC. Educação sexual: reflexões e proposta. Educação 1996; 30: 137-154.

Costa R da SM da. Sexualidade: repressão e pecado. Saúde, sexo & educação 2003 ago; 33: 20-25.

França F de M. Sexualidade na adolescência e a mídia. Revista brasileira de sexualidade humana, 1991 jul./dez; 2(2): 197-202.

Guareschi N. A sexualidade faz parte da nossa vida. Mundo jovem 1999 abr; 295:10.

Kahhale EMP. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: Furtado O. (Org.). Psicologia Sócio-histórica. São Paulo: Cortez; 2001.

Louro GL. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2001.

Martins PCR, Soldatelli MM. Sexo e poder: uma reflexão histórica. Revista brasileira de sexualidade humana 1998 jan./jul; 9(1): 29-34.

Mendonça Filho JB de. Será possível educar o sexual? In: Dunley G. (Org.). Sexualidade & educação: um diálogo possível? Rio de Janeiro: Gryphus; 1999.

Oliveira S da C. Sexo, sexualidade e sociedade. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural; 1996.

Oliveira CS de. Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre: Sulina; 2001.

Paraíso MA. Currículo e identidades: a produção de gênero, sexualidade e etnia na formação da professora. [1999]. Acesso em 08 de agosto de 2004. Disponível em URL: http://www.educacaoonline.pro.br/curriculo_e_identidade.asp

Pinto EB. Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Gente; 1999.

Rocha-Coutinho ML. Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco; 1994.

Sayão, R. A educação sexual nossa de cada dia. [1998]. Acesso em 08 de agosto de 2004. Disponível em URL: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p269-281_c.pdf

Silva CR. Sexualidade: considerações pedagógicas. Espaço pedagógico 1995 dez; 2(1): 81-8.

Spink MJP, Frezza RM. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia da Social. In: Spink MJP. (Org.). Práticas, discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2 ed. São Paulo: Cortez; 2000. p. 17-39.

Spink MJP, Lima H. Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In: Spink M. JP (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodologias. 2. ed. São Paulo: Cortez; 2000. p. 93-122.

Spink MJP, Medrado B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológico para análise das práticas discursivas. In: Spink MJP (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodologias. 2. ed. São Paulo: Cortez; 2000. p. 41-61.

Spink MJP, Menegon VM. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: Spink MJP (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodologias. 2. ed. São Paulo: Cortez; 2000. p. 63-92.

Tannahill R. O sexo na história. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1983.

Tiba I. Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Gente; 1994.

Vieira LHCN. Desvelando o prazer sexual feminino: o preço de uma opressão milenar. [dissertação]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 1993.

Vitiello NA educação sexual necessária. Revista brasileira de sexualidade humana 1995 jan./jun. 6(1): 15-28.

Vitiello NA. O exercício da sexualidade em fins do século XX. Revista brasileira de sexualidade humana 1996 jan./jun. 7(1): 15-30.

Recebido para publicação em: 07/12/04

Received for publication on: 07/12/04

Aceito para publicação em: 10/10/05

Accepted for publication on: 10/10/05

PÓS-GRADUAÇÃO UNIPAR | 2006

CIÊNCIAS DA SAÚDE

Campus Umuarama

- Atualização em Cirurgia Bucal
- Atualização em Endodontia com Ênfase em Molares
- Atualização em Prótese Dental
- Especialização em Análises Clínicas
- Especialização em Fisioterapia Respiratória Âmbito Hospitalar
- Especialização em Manipulação de Produtos Farmacêuticos e Cosméticos
- Especialização em Nutrição Clínica Durante o Ciclo Vital
- Especialização em Personal Training
- Especialização em Vigilância Sanitária e Epidemiologia em Saúde

Campus Toledo

- Especialização em Reabilitação Fisioterapêutica em Traumato-Ortopedia e Desportiva
- Especialização em Treinamento Desportivo
- Especialização em Nutrição Humana com Área de Concentração em Nutrição Clínica ou Alimentação Institucional

Campus Paranavaí

- Atualização em Terapia Manual e Postural
- Especialização em Manipulação de Fármacos e Cosméticos

Campus Cascavel

- Especialização em Enfermagem do Trabalho e Saúde Ocupacional

Campus Francisco Beltrão

- Especialização em Prevenção e Controle de Infecção Hospitalar



QUEM PENSA FAZ.

www.unipar.br